

4- O fenômeno do erotismo

Para se entender a obra de Nelson e Bandeira mais profundamente, faz-se muito importante deixar claro os conceitos de erotismo que passeiam por elas. O mito grego nos diz que Eros é o deus do amor, que aproxima, mescla, une, multiplica e varia as espécies vivas. A idéia de união aqui não se restringe apenas à noção de união sexual ou amorosa, que se efetua entre dois seres, mas se estende à idéia de conexão. A conexão com a origem da vida (e com o fim, a morte), a conexão com o cosmo (ou com o Deus), que produziriam sensações fugazes, mas intensas, de completude e de totalidade.

Platão, em *O Banquete*, um dos mais antigos textos sobre o erotismo do Ocidente, já expressa claramente esta idéia. Aristófanes, um dos convidados do banquete, conta que, antes do surgimento de Eros, a humanidade era composta de três sexos: o masculino, o feminino, e o andrógino. Os andróginos eram redondos e possuíam quatro braços, quatro pernas, duas faces, quatro orelhas, duas genitálias, e uma cabeça. Por sua natureza, estes seres tornaram-se muito poderosos e ousaram desafiar os deuses. Desse modo, Zeus decidiu cortá-los em duas partes, para que, assim, ficassem mais fracos e úteis para servir aos deuses. A partir daí, esses seres, mutilados, passaram a procurar suas metades correspondentes: “quando se encontravam, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre. Nesse momento, originou-se Eros, o impulso recompor a antiga natureza e restaurar a perfeição”.

Para Georges Bataille, o erotismo se articula em torno de dois movimentos opostos: a busca de continuidade dos seres humanos, a tentativa de permanência além de um momento fugaz, em oposição ao caráter mortal dos indivíduos, a impossibilidade de superar a morte.

Há dois aspectos fundamentais, implícitos ao discurso de Aristófanes, que derivam desta noção do erotismo como impulso em direção à completude: o poder, atribuído a Eros, que é capaz de “restaurar a antiga perfeição”, ainda que por segundos; e a idéia de incompletude e de debilidade dos seres bipartidos que, desprovidos da força de Eros, tornam-se fracos àqueles que detêm o poder. Em torno destes dois aspectos articulam-se os mecanismos de repressão sexual da

sociedade, para formar cidadãos frágeis e inseguros, é preciso reparti-los, mutilá-los, transformá-los em metades, negar-lhes a completude.

Há processos humanos que circunscrevem ao domínio de Eros e que se realizam como expressão desta nostalgia de completude: o misticismo, que em sua origem se constitui em manifestação erótica (“o Senhor nos encherá de si”); e a arte.

A expressão artística realiza-se como em função de um mesmo impulso para a totalidade do ser, para a permanência além de um instante fugaz. A comunicação que se estabelece entre a obra de arte e o leitor/espectador é nitidamente erótica. O prazer diante da obra de arte, o primeiro contato, é sempre sensual: aquela obra nos “toca e nos conecta”, ou nos é indiferente. Por este motivo a arte e os artistas sempre estiveram à margem da sociedade, a arte carrega a possibilidade da completude, da *androginia*, sendo por isso poderosa e subversiva.

Um outro elemento que habita os domínios de Eros e ameaça a ordem social é o feminino. Dos seres bipartidos de Aristófanes, a mulher foi aquele que conservou maior parentesco com sua situação anterior. Durante a gestação ela revive a totalidade que lhe foi roubada por Zeus: é completa e redonda. Além disso, a gestação lhe permite o contato íntimo com a origem e, paradoxalmente, com a morte. Somente com a morte do óvulo e do espermatozóide é que irá se originar a nova vida, e, apenas, com a morte de seu estado de completude é que o filho poderá nascer. A mulher carrega, portanto, a capacidade natural de experimentar a totalidade e a fusão com o universo, vivendo temporariamente sob os desígnios de Eros.

O poder do feminino se encontra expresso nos mitos, dos pagãos aos cristãos. A *Bíblia* traz exemplos inesgotáveis da necessidade de regular, de “proteger” as mulheres e de se proteger contra elas, que, silenciosas e passivas, ameaçam a ordenação e a assepsia da humanidade, sobretudo durante a menstruação e a gravidez, estados considerados impuros e impróprios, que as remetem naturalmente à conexão erótica.

O erotismo deriva de impulsos sexuais, mas é capaz de ultrapassá-los se revelando mesmo em contextos onde é grande a repressão à sexualidade, mesmo em casos de extrema sublimação dos impulsos sexuais. Eros é o deus que varia e

multiplica as espécies vivas, portanto, onde houver vida humana, haverá sempre a ameaça da desordem erótica, a promessa de resgate da totalidade perdida.

São perigosas e parciais quaisquer tentativas de compreensão e análise da pornografia que não contextualizem o fenômeno, que não considerem os valores, as idéias e as normas de conduta em vigor no grupo social e no momento histórico em que determinada obra ou comportamento são considerados pornográficos. As definições de pornografia, na maioria das vezes, são normativas, isto é, funcionam como normas reguladoras do comportamento dos indivíduos.

No entanto, há que se deixar claro, o material pornográfico, de fato, veicula um conteúdo específico que o diferencia do material erótico. A própria etimologia da palavra pornografia já enfatiza um aspecto comercial, consumista, que se transformou em objetivo prioritário de qualquer material pornográfico após o fenômeno da industrialização. Do grego *pornos* (prostituta) + *grafo* (escrever), o termo pornografia refere-se à escrita da prostituição. Além disso, *pornos* deriva do verbo *pernemi*, que significa vender.

Com base nesse aspecto comercial é possível estabelecer alguns traços distintivos entre erotismo e pornografia. Em todo material pornográfico nota-se a existência de uma elevada carga de valores transmitidos em troca de fugazes momentos de prazer que ele possa proporcionar ao leitor/espectador. Ou seja, para gozar destes momentos é fundamental compactuar com as idéias, sentimentos, e desejos dos personagens, já que o prazer consiste exatamente em viver a coisa nos moldes da ideologia subjacente: autoritarismo insaciável e relações desiguais.

Ao contrário do erotismo, que corresponde a uma modalidade não utilitária de prazer exatamente porque propõe o gozo como fim em si, a pornografia estará sempre vinculada a outros objetivos: o prazer depende do pacto com a ideologia que ela veicula. O erotismo é um fenômeno poderoso e subversivo porque caminha em direção à reunião dos seres, e, com certeza, poderíamos dizer o mesmo sobre as obras de Nelson Rodrigues e Manuel Bandeira.

A pornografia, seguindo pela direção oposta ao erotismo, insiste sempre na mutilação dos seres, no gozo parcial, superficial e egoísta, além de veicular valores que ao invés de subverter a ordem, procuram preservá-la e até enobrecê-la. As conotações de pecado e violação, freqüentemente acompanhadas de culpa e punição que transparecem em toda obra pornográfica são exemplos desta ideologia preservadora da ordem social. Basta conhecer um mínimo da obra de

Nelson para entender que preservar e enobrecer os valores da ordem reinante, realmente, jamais foi a sua intenção. Ele nunca entendeu porque sua obra foi tão execrada, no ensaio “Teatro desagradável” faz uma reflexão:

Por que o assunto amoroso produz essa náusea incoercível? Por que se tapa o nariz ao mencioná-lo? E, sobretudo, por que investem contra mim, como se eu fosse o inventor do sexo e como se ele não existisse na vida real, nem tivesse a menor influência na natalidade, aqui e alhures? São perguntas que formulo e desisto de responder.⁴²

Ainda bem que ele desistiu de responder a todas essas perguntas e continuou escrevendo sobre o amor (o texto originalmente foi publicado em 1949), pois, realmente, o erotismo é a única maneira que os seres humanos têm de buscarem o dito estado de completude. Na pornografia, a ênfase aos genitais é o que se sobressai e, fundamentalmente, o genital masculino, com sua potência inesgotável. Esse privilégio do genital masculino reproduz a ideologia viril das sociedades patriarcais em que a pornografia é produzida. Símbolo do poder patriarcal, o falo representa, nessas sociedades, a força, a rigidez, o domínio e estabelece freqüentemente uma lógica quantitativa: conta-se o número de ejaculações como se contam os bens de um indivíduo, mede-se o comprimento do pênis como se mede a extensão das terras de um latifundiário. Essa ideologia, além de reproduzir e manter valores de uma sociedade hierarquizada, e de insistir na parcialidade das relações, ainda exclui e subjuga o elemento feminino. Nada disso, de fato, pode se relacionar com a obra de Nelson Rodrigues.

Ao insistir na mutilação dos indivíduos e na parcialidade e superficialidade das relações, a pornografia repetirá sempre a maldição de Zeus, e reforçará a fragilidade, o medo, o conformismo, o desamparo, a solidão. Não é por acaso que a pornografia interessa às sociedades de regimes autoritários, pois, nada mais conveniente para a manutenção da ordem do que a “deserotização” e a apatia.

São comuns os impulsos de Eros que freqüentemente desembocam na morte. Segundo Freud, haveria em nosso inconsciente duas forças antagônicas: Eros, a pulsão de vida, e Tanatos, a pulsão de morte. O prazer dos indivíduos não se vincularia necessariamente à vida, podendo estar intimamente aliado a Tanatos, à morte. O pensamento de Freud seria mais tarde reformulado por Marcuse, que, com idéias baseadas na sociologia e na economia, não compreenderia Tanatos

⁴² RODRIGUES, 2000, p. 12.

como um princípio natural do indivíduo, mas como resposta humana à repressão sexual que nos é imposta pela vida em sociedade.

De acordo com este pensamento, a fusão Eros-morte não seria um dado natural, mas cultural, e típico de uma cultura especificamente repressora no que diz respeito à sexualidade. Na verdade, esse triângulo erotismo-morte-repressão sexual é bastante antigo em nossa cultura. Nossa primeira falha: o “pecado original” constitui-se desses dois elementos: somos mortais porque pecamos e pecamos porque ousamos comer do fruto proibido. É possível que a morte esteja definitivamente inscrita em nossa sexualidade, e que estejamos mesmo condenados a viver eternamente essa conexão Eros-morte, como fruto de nossa natureza reprimida. Escondemos o corpo com o mesmo pudor e austeridade com que encobrimos a morte.

Sendo a história do erotismo no Ocidente marcada pela repressão, e estando a repressão ligada à morte, não há como negar que em nossa cultura este par funcione como elemento gerador de nossa sexualidade reprimida. Disso nem mesmo Marcuse conseguiu escapar: ao compreender os impulsos de Tanatos como frutos de nossa cultura repressiva, e ao vincular a repressão a interesses políticos e econômicos de determinados tipos de regime, é evidente que ele vislumbra a possibilidade (ainda que utópica) de uma sociedade não repressora e, portanto, sem morte.

Antes de se tornar um dado cultural, antes de fazer parte de nossos mitos, crenças e valores, morte e sexo são dados naturais que, em sua base, parecem mesmo manter uma conexão. Nascemos, fazemos sexo e morremos antes que pudéssemos inventar explicações para esses fatos, e muito antes que pudéssemos ter uma idéia de como eles ocorrem. Se voltarmos nossa atenção para a natureza, verificaremos que todo nascimento, toda pulsão de vida (Eros) acarreta o desaparecimento de algo (um ser, uma situação, um sentimento), implica numa pulsão de morte (Tanatos).

Assim pensa Georges Bataille e outros pensadores que entenderam e expressaram a fusão Eros-morte não como marca de uma falta, de um pecado, mas como uma poderosa aliança, capaz de nos lançar em outras esferas e de nos resgatar a totalidade perdida. A descontinuidade que caracteriza os seres humanos só é realmente ultrapassada com a morte, pois somente ela “nos arranca da

obstinação que temos de ver durar o ser descontínuo que somos”⁴³. Existiria, assim, no momento da comunicação dos corpos, uma abertura para uma possível continuidade, que culminaria com o desejo de dissolução, de ruptura da individualidade descontínua para o alcance da almejada completude: inacessível, mas sempre requerida e fugazmente vivenciada na união dos corpos.

O que move, desse modo, a vida dos indivíduos é o desejo de permanecer através da fusão com o outro, o desejo de continuar, de superar a morte. Entretanto esta fusão com o outro é sempre momentânea e efêmera, estando condenada a desaparecer, a morrer, para que os indivíduos continuem existindo como seres distintos. A fusão total duradoura, eterna, só seria possível através da morte dos indivíduos. Eros é movido, portanto, por um desejo extremo de vida, de permanência, de continuidade, que fatalmente desemboca num desejo de fusão, numa ânsia de perda de identidade, no abismo da morte.

Vontade de morrer

Não é que não me fales aos sentidos,
À inteligência, o instinto, o coração:
Falas demais até, e com tal suasão,
Que para não te ouvir selo os ouvidos.

Não é que sintas gastos e abolidos
Força e gosto de amar, nem haja a mão,
Na dos anos penosa sucessão,
Desaprendido os jogos aprendidos.

E ainda que tudo em mim murchado houvera,
Teu olhar saberia, senão quando,
Tudo alertar em nova primavera.

Sem ambições de amor ou de poder,
Nada peço nem quero e — entre nós — ando
Com uma grande vontade de morrer.⁴⁴

Não é por acaso que os franceses denominam o orgasmo de “petite mort”. Como não é por acaso que toda paixão, todo ato extremo de amor é profundamente marcado por um sentimento, por um *gosto* de morte. O desejo de reafirmar a vida através da fusão com o outro implica um desejo de aniquilamento de si mesmo (e do outro), um impulso fatal. Realmente faz muito sentido quando Nelson afirma, em diversas ocasiões, que a morte é a única

⁴³ BATAILLE, 1980, p. 18.

⁴⁴ BANDEIRA, 1973, p. 291-292.

possibilidade de conseguir a atenção do ser amado. Desse modo, se as obras dos dois escritores falam primordialmente da paixão, nada mais natural do que elas serem alimentadas pela morte.

Um dia, em 1917, eu soube que se morria. Nem todos, claro. Eu, papai, mamãe, meus irmãos não morreríamos nunca. Só os outros. Às vezes, tento fazer uma antologia de mortos, dos meus mortos. O primeiro, ou a primeira, foi a menina da febre amarela. Ou por outra: — não foi a menina. Houve antes, um rapaz da rua, triste, asmático e cheio de espinhas na cara. Guardei o seu diminutivo: — Carlinhos. Todas as tardes, eu o via passar, de braço, com a noiva. Os dois iam de uma esquina a outra esquina. Lembro-me de que, certa vez, Carlinhos pagou-me sorvete de casquinha. Bem. E o fato é que, lá uma vez, o rapaz brigou com a menina. O motivo não sei, Talvez ciúmes.

E ele a avisou:

— Olha. Amanhã, você vai ao meu enterro.

Ou a menina era geniosa ou não acreditou. Largou-o na calçada. Carlinhos saiu dali para a farmácia. Por acaso, eu estava lá, pequenino e cabeçudo como um anão de Velásquez. Sempre que me via, ele passava a mão pela minha cabeça e me chamava de “batuta”. Desta vez, nem me olhou.

Disse para o homem da farmácia:

— Vou viajar. Vou fazer uma viagem.

Tomou o veneno, junto ao balcão. O homem da farmácia olhou sem entender nada. O freguês adernou e caiu, com as duas mãos no ventre e as entranhas em fogo. Ainda me pergunto se foi pó, líquido ou pastilha. (...)

Primeiro, veio a mãe; depois, a noiva. A mãe entrou, atropelando os presentes. Atirou-se sobre o morto que lá estava, quieto, de pernas abertas, estirado no ladrilho. Por cima do filho, sacudia-o como se o agredisse, como se o odiasse. E, depois, rompe a noiva.

Vozes pediam:

— Não faça isso! Calma, minha senhora! Segura, aí, segura!

Os homens queriam arrastar uma e outra. A mãe, professora e viúva, escoceava. A noiva meteu as unhas na cara de alguém. E, finalmente, deixaram as duas em paz. Todos ficaram ali, parados, vendo aquele defunto possuído por duas mulheres. A professora montara no filho, com os dedos cravados nos seus cabelos frios. E a noiva atracou-se com as pernas e os sapatos do ser amado(...)

Mas como ia dizendo: — a noiva beijou os sapatos e, em seguida, os tirou e, não contente, arrancou as meias para beijar os pés nus e gelados.

Assim foi um suicida que me revelou a morte, e eu quase dizia: — foi um suicida que me ensinou a morrer.(...)

De repente, senti que Deus prefere os suicidas.⁴⁵

Na crônica que acabamos de ler, Nelson fala da descoberta da morte em sua infância na rua Alegre, no entanto, uma ingênua certeza pueril o fazia achar que para os seus entes queridos a “indesejada das gentes” jamais chegaria. A morte era apenas um espetáculo que acontecia fora de sua família e o fascinava. Se morresse alguém lá estaria o menino possuído de curiosidade para observar, mesmo que à distância.

⁴⁵ RODRIGUES, 1994, p.28-30.

O escritor aparece na crônica escavando sua memória em busca daquele que teria sido o seu primeiro contato com a “dama branca”, chega até a falar em “antologia de mortos”. Qual teria sido o primeiro cadáver de sua vida? Sua mente divaga: “O primeiro, ou a primeira, foi a menina da febre amarela. Ou por outra...”.⁴⁶ Até que, mais que preciso, Nelson parece lembrar-se dos mínimos detalhes do rapaz: “triste, asmático e cheio de espinhas na cara. Guardei o seu diminutivo: — Carlinhos”.⁴⁷ Sim, era esse o nome do morto. Quantos não foram os Carlinhos que passaram pela literatura rodrigueana?

Na galeria de personagens de Nelson Rodrigues, há um lugar de destaque para os rapazes asmáticos ciumentos, que viviam às voltas com as dores do amor. Quantos também não foram os asmáticos que foram traídos em *A vida como ela é...* porque não tinham “fôlego” para agüentar com a demanda de amor de suas mulheres.

Talvez um desses motivos, ou algum outro, tenha levado o rapaz ao suicídio. Na verdade, a razão não importa, o que interessa, aqui, é constatar que foi o amor que o levou para morte, como se esse sentimento fosse por demais transtornador a ponto de aniquilá-lo. Quem sabe não foi a gana de ser eternizado na vida de sua amada, seu desejo de permanência, que o levou à atitude extrema. Só com a morte podemos vivenciar de modo não efêmero o amor.

É interessante reparar como, nessa crônica, Nelson Rodrigues deixa transparecer todo o seu pessimismo a respeito da realização amorosa em nossa vida. Fica subentendido que, para ele, só na morte o homem e a mulher parecem se entenderem, ou na morte real ou na morte erótica do orgasmo; na vida cotidiana estão fadados a se desentenderem o tempo todo. Podemos dizer que a ambiência neurótica que havia nos casais reais das memórias de Nelson faz-se presente por toda a sua obra, funcionando como elemento gerador do conflito dos personagens nas mais variadas histórias.

Agora vem a parte mais interessante da crônica: mãe e noiva atiram-se para cima do rapaz como que para sorver as últimas gotas de vida do bem amado. O suicídio tendo ocorrido em local público expõe a dor e a emoção daqueles que não morreram, mas ficaram sofrendo a falta do morto. A mãe, em delírio, praticamente punia o filho por seu ato; sacudindo o coitado, como se ordenasse:

⁴⁶ RODRIGUES, 1994, p. 28.

⁴⁷ Ibid., p. 29.

“Volte! É sua mãe que está mandando!”. A noiva, numa atitude desesperada, tenta, em vão, se aproximar ao máximo de seu noivo perdido, beija seus pés nus, os abraça. Mesmo sabendo que não conseguirá, insiste na tentativa de fusão, tentando restaurar a possibilidade de completude de outrora.

A voz do povo lhes chama à razão, na tentativa de coibir a emoção e podar a reação de ambas as mulheres em sofrimento. Aquela dor feroz, violenta, exagerada, agredia as pessoas, que tentavam contê-las sem nenhum sucesso; as duas estavam completamente controladas por seus instintos, lutando como feras pelo corpo do rapaz.

Sem ter como interferir naquela demonstração explícita do que é sentir algo por alguém, todos, então, “ficaram ali, parados, vendo aquele defunto ser possuído pelas duas mulheres”.⁴⁸ Nesse momento, a cena da farmácia ganha ares de espetáculo, como se, no fundo, no fundo, o povo todo, contemplando o que acontecia, tivesse inveja do rapaz por ele ser tão amado assim, com tanta intensidade, por alguém.

Bom, pelo menos Nelson, podemos dizer certamente, estava extremamente deslumbrado, não é à toa que no final da crônica ele comenta que “foi um suicida que lhe ensinou a morrer”⁴⁹, e conclui dizendo que “Deus prefere os suicidas”. O suicídio é o tipo de morte que pega a todos de surpresa, o sofrimento pela perda de um ente querido, dessa maneira, gera uma dor repentina, que surge sem aviso prévio, vinda das profundezas do ser humano.

O suicídio detona um sentimento de culpa em cada um, por fazê-los experimentar a sensação de ter podido fazer alguma coisa para impedir a morte e não ter feito. Do contrário, quando se morre de uma doença, acidente ou crime, pode-se apontar um culpado, uma causa concreta, não restando fagulhas de culpa, ou de falta, aos que choram pelo defunto. Diante de uma partida suicida as lágrimas de revolta e dor não pairam apenas sobre o morto, mas também representam uma atitude auto-piedosa, como se ele não tivesse o direito de fazer os outros sofrerem.

Possuída por tamanho desespero, a noiva beija os sapatos do morto, lhe tira as meias para cobrir de beijos a pele desnuda de seus pés. O beijo pode ser considerado como um símbolo de união, na Antigüidade beijava-se os pés e os

⁴⁸ RODRIGUES, 1994, p. 30.

⁴⁹ Ibid

joelhos dos reis, dos juizes, dos homens que gozassem de uma reputação de santos. No caso da cena da farmácia o que está em evidência com a atitude da moça é a sua total entrega como uma verdadeira escrava do amor daquele rapaz asmático, e isso é o que mais instigava a imaginação de Nelson. Ali, encontrava-se a entrega amorosa perfeita, ao mesmo tempo em que Carlinhos era possuído por sua amada, por estar morto, não sentia a angústia e a culpa por desejar o corpo alheio.

Na *Vida como ela é...* há uma crônica de nome “Para sempre fiel” em que Odaléia diante da insistência do namorado em não acreditar em sua fidelidade toma veneno e se mata:

Odaléia matara-se durante a noite, tomando não sei que veneno. Varando os grupos de parentes e vizinhos, Odilon chega ao quarto da pequena. Espia da porta o cadáver na cama. Entra, dá dois passos no inteiro do quarto e estaca. Via, na parede, o que Odaléia escrevera a lápis, antes de morrer. Eram estas as palavras: “as mortas não traem”. Apavorado, Odilon cai de joelhos diante da cama. Apanha a mão da mulher que seria para sempre fiel e a cobre de beijos e lágrimas.⁵⁰

Como não lembrar de tantos outros textos de Nelson Rodrigues que discorreram também sobre o tema do amor e o suicídio. Nesses casos, o escritor parece nos lembrar de nossa tênue tragicidade, todos aqueles que, de fato, sentem o amor, estarão na eminência da morte, como se não houvesse um meio termo na intensidade de amar: ou se ama a ponto de morrer ou não se ama. Como dizia Nelson: “pouco amor não é amor!” Não à toa, quando criança, tinha uma verdadeira obsessão pelos pactos de morte dos namorados que se juntavam para morrer. Provavelmente, esses melancólicos casais representavam a falta de espaço que a sociedade tinha para o amor, mais ainda, representavam o próprio sentimento de que quando se ama deve-se usar de todos os meios para ficar ao lado do bem amado.

O pensamento de Bataille não segue o caminho de Marcuse, que entende o impulso de morte como consequência da sexualidade reprimida, mas parece resgatar a teoria de Freud, que já havia admitido a existência das pulsões de vida e morte no inconsciente humano, sem vinculá-los a fatores sócio-econômicos. Para Bataille, Eros e Tanatos são forças que se articulam e coexistem no ser humano, e

⁵⁰ RODRIGUES, 2001a, p. 34.

têm sua manifestação plena no erotismo. Esse tipo de pensamento é mais abrangente, e mais condizente com as obras de Nelson e Bandeira, até porque não exclui a morte do rol das possíveis manifestações de Eros. Além disso, a violência e a agressividade não ficam aqui subentendidas como decorrências negativas, perversas, maléficas do impulso de morte, mas antes como algumas das inúmeras e variadas expressões de Eros.

Todo ser humano, segundo Bataille, carrega dentro de si um impulso em direção à transposição de seus próprios limites. Esse impulso, que pode ser reduzido apenas parcialmente, se manifesta, na vida diária, quando a violência se sobrepõe à razão. Mesmo sendo controlada por inúmeras leis e interdições (e, sobretudo, através do trabalho), a violência costuma irromper subitamente no ser humano, seja por intermédio do erotismo (ir além de si mesmo, de encontro ao outro), do misticismo (ir além de si mesmo, de encontro a Deus), ou ainda da própria morte, que ultrapassa o homem, desorganiza sua vida, lança-o no caos. Morte e erotismo são, portanto, resultados desse movimento em direção à transposição dos limites; são produtos da violência que nos domina.

É evidente que essa necessidade de excesso não é vista por Bataille como uma deformação do indivíduo, originada pela vida em sociedade, mas como um impulso natural, que nos habita desde que nascemos. Afinal nosso nascimento nada mais é do que o resultado da violência, dessa necessidade que tem o ser humano de transpor seus próprios limites e ir além de si mesmo.

Basta uma leitura rápida de Sade para verificar que o poder simultaneamente fascinante e repulsivo de sua obra deriva, acima de tudo, dessa conexão violência-erotismo. Ele, ao lado de alguns outros malditos, ousou admitir que o impulso extremo de amor é um impulso de morte.

A mulher, que aparece nos mitos e na literatura como fonte de toda a vida, como aquela que gera o filho (e, por analogia é simbolizada pela terra), é também aquela que devora e corrói, que traz a morte ao mundo dos homens (a terra é também túmulo). Afinal, se morte e vida se misturam, sobretudo, no momento da reprodução, é natural que a mulher, como elemento gerador, conviva intimamente com esses fenômenos. Essa intimidade da mulher com Tanatos parece ter influído também na representação da morte como ser feminino, presente no imaginário de diversos povos. Etérea e espiritual para os simbolistas, sensual e misteriosa para os românticos, ou sofisticadamente cruel para os decadentistas, a morte encarna,

em diversas culturas, os diversos atributos que se convencionaram como femininos.

Não é possível falarmos de erotismo sem considerarmos a história de sua repressão. O cristianismo, ao estigmatizar nossa sexualidade como pecadora, termina por expulsar o erotismo das esferas do sagrado e por destituí-lo de seu caráter abrangente, totalizador. Somos, portanto, condenados a viver um erotismo profano. De acordo com o cristianismo, a totalidade e completude dos seres de Aristóteles, do *Banquete* de Platão, só serão vislumbradas através das formas utilitárias de erotismo, aquelas que atendem às leis naturais, ou seja, à procriação.

Em diversas civilizações do Oriente - na Índia em especial - erotismo e religiosidade mantêm um estreito parentesco: há toda uma educação e uma prática sexuais que se vinculam a um aprendizado religioso. No entanto, o fato de não haver uma cisão entre erotismo e religiosidade em algumas culturas do Oriente não quer dizer que essas civilizações não sejam marcadas pela repressão sexual. Toda a educação hindu, mesmo a educação do *Kama*, é feita com base na disciplina, no exercício de determinadas práticas e na severa interdição de outras.

Vamos encontrar no *Kama Sutra* rígidas proibições sexuais, que se referem, sobretudo, a mulher, sempre submissa à autoridade de seu senhor polígamo. As mulheres do harém do rei ou dos nobres não podem encontrar com nenhum outro homem; a boa esposa deve amar o marido como se ele fosse um ente divino e deve evitar a companhia de mulheres de conduta irregular. Entretanto, as civilizações orientais, em geral, não destituíram Eros de seu conteúdo sagrado.

Ao contrário, a civilização ocidental produziu a esquizofrenia, a cisão definitiva entre erotismo e religiosidade. Imaculado, inativo e impassível, o corpo, na ideologia cristã, é reduzido ao estado de “corpus” (cadáver, em latim), em seu eterno repouso e absoluta inércia. Além disso, o trabalho também funciona como um fator que dia após dia coisifica, automatiza e deserotiza os indivíduos. No Ocidente, trabalho e erotismo devem se opor de maneira frontal. É somente com a exaustão do corpo, somente através do trabalho, que a energia sexual é desviada e os perigos de Eros são controlados.

Expressando essa idéia, “Excesso de trabalho”, uma crônica de *A vida como ela é...*, conta a história de Raimundo, um homem que tinha como obsessão o trabalho. Chegava a trabalhar todos os dias até às três da madrugada e acordava

às seis da manhã para trabalhar. Durante o seu namoro com Laurinha, encontrava-a três vezes por semana, apenas por meia hora, e ainda dormia nesse meio tempo. Quando casaram, na primeira noite, deixou sua esposa na janela contemplando as estrelas numa camisola transparente e foi dormir, pois acordaria muito cedo para trabalhar.

Três ou quatro horas depois, continuava na janela. Súbito, ouve um rumor embaixo: — era o leiteiro que naquela manhã, começava o fornecimento dos novos fregueses. Então, dá nela uma fúria súbita, uma cólera obtusa e potente. Sem rumor, deixa o quarto e desce pela escada, os dois andares do apartamento. Leva o quimono em cima da camisola diáfana. Abre a porta da rua e sai para o jardim; alcança o leiteiro, quando este partia, empurrando a carrocinha. Ele vira-se, assombrado. Laurinha se põe na ponta dos pés e o beija na boca, com loucura.⁵¹

Está mais do que claro os motivos que levam Eros a ser uma ameaça para uma sociedade capitalista como a nossa, desse modo, encontraremos formas sutis de controle da sexualidade que atravessam nossa vida diária e determinam nossa maneira de conceber e de vivenciar o erotismo. Uma delas, que se instalou definitivamente em nossa cultura, principalmente a partir do século XIX, e que parece ter substituído a Igreja com eficácia, é a ciência. Michel Foucault observa que, no Ocidente, ao contrário de termos desenvolvido uma *ars erótica* (arte erótica), como fizeram os orientais, inventamos uma *scientia sexualis* (ciência sexual) que, aparentemente neutra, é tão repressora e moralizante quanto a Igreja, pois é ela agora quem determina o que é saudável e o que é perverso e, desse modo, quais são as formas lícitas e ilícitas de erotismo. A ciência invadiu os prazeres do indivíduo: classificou as práticas sexuais em normais e periféricas, analisou as perturbações do instinto, legitimou as formas saudáveis de amor.

A quantidade de ginecologistas que habitam a obra rodrigueana realmente é um dado sintomático da invasão da ciência no assunto amoroso. Podemos citar, por exemplo, o Dr. Camarinha de *O casamento* que tem que dar o seu aval em Glorinha antes de seu matrimônio, além disso, também é ele que revela a Sabino, pai da moça, a verdadeira opção sexual de seu futuro genro. Ou ainda o Dr. Godofredo de *A mentira*, o médico que enlouquece e passa a ver em toda parte mulheres em “estado interessante”, que também lembra o Dr Lambreta de *Viúva*

⁵¹ RODRIGUES, 2001a, p. 208.

porém honesta, que nos remete ao Dr Borborema de *A vida como ela é...*, e assim sucessivamente.

Na verdade, não importa o nome dos médicos, nem de que histórias eles são provenientes, seria impossível, realmente, tentar lembrar de todos os ginecologistas que Nelson criou, no entanto, o que ele quis representar com eles parece evidente: o amor e o erotismo dos seres humanos são frutos de uma descoberta cotidiana, não existe uma fórmula secreta. De nada adiantam normas, paradigmas e diagnósticos, na medida em que Eros está presente justamente naquela explosão de sentimentos subjetivos e particulares, que só aquela determinada pessoa, daquele jeito que só ela sabe, pode detonar. Numa entrevista à revista *Playboy*, quando perguntado sobre sua opinião a respeito da educação sexual, Nelson Rodrigues, ironicamente, chegou a afirmar que ela só deveria ser dada por um veterinário.

Porque os animais são de uma boa fé tremenda, eles têm aquele repertório de instintos, e daí não saem. Um animal não apunhala o outro pelas costas, mas com o homem ocorre isto, compreendeu? Um veterinário, ao ensinar a uma cabra como se faz essa coisa, é natural, é da natureza. Mas eu quero que a natureza vá tomar banho. O homem só é o homem e não anda de quatro porque consegue contrariar a natureza, contestar a natureza.⁵²

⁵² RODRIGUES, 1979, p. 30.